

## DE NIETZSCHE A FOUCAULT: A LOUCURA NA HISTÓRIA DA CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE

RONIVALDO DE OLIVEIRA REGO SANTOS\*

### Resumo:

Trata-se de reler a *História da Loucura* como história da constituição da subjetividade. Simultânea e paralelamente, recuperar certos fios de continuidade que ligam esta obra de Foucault às de Nietzsche, especialmente no que tange a ideia da loucura e a crítica da razão moderna (ou Clássica), no § 125 de a Gaia Ciência. Assim, procura-se reconstituir o laço de pensamento que permite passar de uma desconstrução nietzschiana da subjetividade metafisicamente constituída para uma história da fabricação do louco, em Foucault. Mais pontualmente, busca-se ainda reconstruir os modos e as ocasiões em que o louco e a loucura, despontam em Nietzsche e de que maneira *História da loucura* continua, frutifica e aprofunda a crise da racionalidade moderna ocidental, crise instalada pelo filósofo alemão. Finalmente, tenta-se destacar como os dois autores, nas duas obras, tratam tanto do louco quanto da loucura como um projeto da Idade Clássica e ao mesmo tempo faz prognóstico de um dos processos de subjetivação da contemporaneidade.

### Introdução

Entendemos que para se falar das formas históricas de subjetivação duas vias se apresentam ainda relevantes atualmente: a primeira e estabelecida por Nietzsche e sua crítica ao sujeito moderno; a segunda é a potência histórica de Foucault ao historicizar as maneiras como os sujeitos são forjados. O desafio aqui é mostra como os dois autores se relacionam no que tange a pensar uma história dos modos de subjetivação em termos concretos e menos metafísico.

Trata-se, portanto, de se pensar o sujeito para além de uma simples ontologia universalista do sujeito, pois, o que interessa é tentar mostra como os sujeitos são constituídos historicamente, em tempos e espaços diferentes. Sendo assim, tenta-se contar a maneira como as histórias modificam os sujeitos reais. Mas não é um simples olhar para o passando, e sim, como destaca Antoine Prost (2012, p. 151) “história das coisas pensadas, no presente, pelo historiador”

Para esse empreendimento, assume-se aqui o caminho já estabelecido pela leitura que Bèatrice Han (2008) fez do pensamento de Foucault, em sua totalidade. Tal interpretação

---

\* Mestrando em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Docente nos Cursos de Letras e Pedagogia na Universidade Estadual de Goiás, *Câmpus* Campos Belos. Docente da Rede Municipal da mesma cidade. Este trabalho é orientado: Prof. Dr. Eduardo Sugizaki. Pesquisa financiada pela FAPEG.

nos propicia pensar uma história dos modos de subjetivação a partir do presente; ao mesmo tempo provoca pensá-la não só a partir dos preceitos da ciência, mas, sim nas relações de poder e saber, historicamente constituídas por seres humanos reais para e com outros seres humanos também reais, no interior de determinados jogos de verdade.

Trata-se, isso sim, de saber como a história pode analisar os jogos de verdade, inclusive os jogos da metafísica, para fazer o levantamento das sucessivas construções históricas do ser. Mas o ser não se constitui historicamente por si mesmo. Não é a história do próprio ser que se pretende fazer, mas a história de como ele é experimentado (SUGIZAKI, 2006, p. 21).

Tentamos, com Nietzsche e Foucault, pensar e repensar possibilidades de uma subjetividade a partir de relações históricas efetivas, mas sempre situadas em meio às singularidades. Sendo assim, dividimos o texto em três partes: a primeira trata de mostrar como Nietzsche analisa o sujeito moderno; em seguida analisa o que é a história dos modos de subjetivação em Foucault; na última parte tenta-se analisar como a loucura pode ser analisada como história dos modos de subjetivação tanto em Nietzsche quanto em Foucault seguindo os passos de *A gaia ciência*, § 125 e *História da loucura*, respectivamente.

### **Nietzsche e a crítica à unidade metafísica do sujeito**

O trato de Nietzsche com o sujeito embora não seja novo, parece-nos ainda muito profícuo. Um caminho que essa proficuidade se apresenta está em pensar a destruição do sujeito metafisicamente constituído a partir do viés dos modos de subjetivação. É necessário, portanto, refazer este cenário e tentar compreender como Nietzsche combate, tão severamente, o sujeito moderno. Diga-se de passagem, para fazer isso, Nietzsche fez-se historiador, quando, por exemplo, questionou a filosofia clássica a fim de ouvir novas vozes, novos sujeitos, novas experiências. Tanto é que, já em *O Nascimento da tragédia*, ele destaca Sócrates como o modelo do racional, no qual sucumbe a humanidade (cf. NIETZSCHE, *NT*, § 18).

Em outros textos Nietzsche também aponta para ideia de que o sujeito é construído historicamente, muitas vezes falando de si mesmo, como se pode perceber em *Humano demasiado humano*, na medida em que vai deixando de lado as influências de Richard Wagner e de Arthur Schopenhauer, e envereda-se por caminhos ligados ao Iluminismo e à ciência. Há nesse momento, como em toda a sua obra, a necessidade de se libertar, de se transformar, de

vir a ser o sujeito Nietzsche, que se transforma conforme os processos históricos, mas que não os toma como doutrina, ortodoxia ou moral.

Mas Nietzsche não permaneceria muito tempo como um apologista da ciência (cf. NIETZSCHE, HH, *A vida religiosa*, § 133), pois, percebeu que ela seria uma nova religião, um novo mecanismo para se buscar uma verdade inequívoca e irrefutável, o que ele tentaria refutar tanto em *Além do bem e do mal* (NIETZSCHE, BM, *Dos preconceitos dos filósofos*, § 1<sup>1</sup>) quanto em *Genealogia da moral* (NIETZSCHE, GM, *Terceira dissertação*, § 24<sup>2</sup>). Nos parágrafos mencionados o filósofo alemão aponta para a necessidade de reconhecer o que é a vontade de verdade, e quais impulsos conduziram a humanidade a ser signatária de tal vontade, produzindo assim, sujeitos para tais vontades de verdade.

Ainda em *Genealogia da Moral*, no Prólogo (§ 1), Nietzsche diz que não nos conhecemos. Estaria ele falando somente do conhecimento? Não estaria ele falando de sujeitos que nunca procuraram a si mesmo senão em entes metafísicos? A história que foi feita até agora foi a do ressentimento, a da má consciência, a da ilusão de outro mundo, do suposto conhecimento de si por meio de um outro metafísico. O que explica isso são as condições históricas que condicionaram os homens a construir seus ídolos e amenizarem seus dores. São essas condições que levam os homens a criarem suas instituições bem como suas ilusões. As instituições representam e são representadas pelos indivíduos, são culturais, ainda que essa cultura seja decadente. Ora, se se quer formar e cultivar escravos, diz Nietzsche (CI, *IX Incursões de um extemporâneo*, § 40), seria “tolice educá-los para [serem] senhores” ou espíritos livres.

Sendo assim, Nietzsche preconiza a possibilidade de os indivíduos se libertarem das amarras da metafísica e alcançarem uma nova consciência. Tal postura só é possível por meio do reconhecimento de como as condições históricas e os mecanismos institucionais estabelecem uma espécie de “melhoramento”. Diz Nietzsche que o melhoramento, no decorrer

<sup>1</sup> O trecho mencionado é o seguinte: “A vontade de verdade, que ainda nos fará correr não muitos poucos riscos, a célebre veracidade que até agora todos os filósofos reverenciaram: que questões essa vontade de verdade já nos colocou! Estranhas, graves, discutíveis questões! [...] Nós questionamos o valor dessa vontade. Certo, queremos a verdade: mas por que não, de preferência, a inverdade? Ou a incerteza? Ou mesmo a insciência?”

<sup>2</sup> O parágrafo que mencionamos é extenso, por isso, limitemo-nos a um pequeno trecho: “considere-se, quanto a isso, os mais antigos e os mais novos filósofos: em todos eles falta a consciência do quanto a vontade de verdade mesma requer primeiro uma justificação, nisto há uma lacuna em cada filosofia [...]. A partir do momento em que a fé no Deus do ideal ascético é negada, *passa a existir um novo problema*: o problema do valor da verdade. A vontade de verdade requer uma crítica – com isso determinamos nossa tarefa – o valor da verdade será experimentalmente *posto em questão*...”

da história, tendeu sempre a enfraquecer, desencorajar, refinar, embrandecer (NIETZSCHE, GM, *Terceira dissertação*, § 21).

Para sermos livres é importante que sejamos capazes de reinventar e criar possibilidades de vida. Para isso, ao que parece, seria preciso ir além das relações de poder e saber, se constituir “[...] na ignorância daquilo que seu [nosso] tempo considera mais importante” (NIETZSCHE, GC, § 338). Nietzsche, portanto, apresenta possibilidades de criação, que se estabelecem na medida em que cada um consegue reconhecer sob quais processos reais foi constituído. Mas negar essas relações é praticamente impossível, pois não se nega a existência concretamente. Ainda assim, o que propõe Nietzsche, nada mais é que em novas formar de se relacionar com o mundo.

### **Foucault e os modos de subjetivação**

Nossa hipótese, por tanto é que Foucault inspira-se em Nietzsche para falas não mais de um sujeito dado, mas, constituído. Mas, afinal, como ler Foucault? Como filósofo do poder, do saber? Um historiador das histórias silenciadas? Um historiador dos marginais? Parece-nos que todas essas possibilidades não estão incorretas, mas apenas mostram delimitações pontuais de um projeto maior do filósofo-historiador francês. Dizendo isso estamos asseverando que tais investigações fazem parte daquilo que Foucault chamou de modos de subjetivação, isto é, as várias formas como o indivíduo fora transformado, historicamente, em objetivo e em sujeito.

Foucault, em *Sujeito e poder*, explica o seu projeto:

Eu gostaria de dizer, primeiramente, qual foi o objetivo do meu trabalho nos últimos vinte anos. Não foi analisar os fenômenos de poder nem lançar as bases de tal análise. Procurei, antes, produzir uma história dos diferentes modos de subjetivação do ser humano, em nossa cultura; tratei, nessa ótica, dos três modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos (FOUCAULT, 2014, p. 118).

Isso significa que há histórias dos modos de subjetivação em Foucault, e elas só se justificam como tal porque não tratam de modos universais ou universalisantes de subjetivação, mas sim de possibilidades específicas de cada sociedade e de seus modos de objetivar o sujeito.

Aliás, segundo as trilhas de Deleuze, não há em Foucault sequer a ideia de sujeito, isto é, “Se existe um sujeito, ele é sem identidade” (DELEUZE, 1992, p. 143).

Foucault escreve histórias de relações de saber-poder tal como se dão na sociedade e através de suas instituições, para, aí, flagrar os modos como o sujeito foi constituído. Ele narra histórias das técnicas de como o sujeito foi e é sujeitado. Por isso Foucault explica como investigou e em quais formações históricas tentou identificar os sujeitos objetivados e sujeitados.

Há, inicialmente, os diferentes modos da investigação que procuram aceder ao estatuto de ciência; penso, por exemplo, na objetivação do sujeito, falando de gramática geral, de filologia e de lingüística. Ou, então, sempre nesse primeiro modo, na objetivação do sujeito produtivo, do sujeito que trabalha, em economia e na análise das riquezas. Ou, ainda, para tomar um terceiro exemplo, na objetivação somente do fato de estar em vida, na história natural ou na biologia. Na segunda parte do meu trabalho, eu estudei a objetivação do sujeito no que chamarei de “práticas divisoras”. O sujeito é ou dividido no interior dele mesmo, ou dividido dos outros. Esse processo faz dele um objeto. A separação entre o louco e o homem são de espírito, o doente e o indivíduo em boa saúde, o criminoso e "rapaz gentil" ilustra essa tendência. Enfim, procurei estudar –esse é meu trabalho em curso – a maneira como um ser humano se transforma um sujeito; orientei minhas pesquisas para a sexualidade, por exemplo, a maneira como o homem aprendeu a se reconhecer como sujeito de uma "sexualidade" (FOUCAULT, 2014, p. 118-119, aspas do autor).

Das relações entre saber e poder surgem condições pontuais de objetivação e sujeição segundo as quais o sujeito se submete a verdades impostas e ao dever ser, que implicam em mecanismos de formação e constituição das mentalidades e dos corpos. Isso quer dizer que não há em Foucault, em momento histórico nenhum, um sujeito dado, universal, cada época produz seus sujeitos (DELEUZE, 1992).

No que diz respeito a essas condições, Foucault não trata, por exemplo, do disciplinamento dos corpos de maneira intuitiva. Ao contrário, ele entende esse processo como o resultado e difusão dos discursos e práticas disciplinares impostas às pessoas, que as levam a adquirir e se submeter a relações muito específicas. Há, portanto, uma ordem, um chamado, por que não dizer um mandamento, uma política (FOUCAULT, 1987) discursiva, precursora da docilização. Essas estratégias têm como mediadora o procedimento disciplinar, provocado pelas relações de poder e de saber que levam à objetivação do humano.

Em *A hermenêutica do sujeito*, Foucault aponta que a ideia de subjetividade está ligada genealogicamente, ao cuidado de si. Mostra suas interpretações da antiguidade grega até suas práticas na era cristã, quando o cuidado de si tratava de conversão total do indivíduo para

ter e acesso à verdade. Mais ainda, destaca que a maior causa do desprezo do cuidado de si é, justamente, o “momento cartesiano” que o transformara em um egoísmo (FOUCAULT, 2005, p. 18).

Também há análises semelhantes em *História da loucura*, texto no qual Foucault mostra como se constituiu racionalmente a representação do louco, especialmente a partir da Idade Clássica. O louco não era uma categoria médica ou psicológica, até por que não existia a psicologia, no classicismo. O louco e a loucura eram condições morais, pois o que estava em jogo eram a ordem social e moral. Com base nesses pontos, pode-se dizer que durante muito tempo vem-se formando seres manipuláveis e dóceis? Certamente, mas *Vigiar e Punir* considera que, na Idade Clássica, a docilização intensificou-se como nunca, na história.

Mas Foucault não fala somente em sujeitos objetivados, e ele fala de pontos de resistência. Por isso, novamente em *Sujeito e poder*, há uma explicação importante e necessária para a leitura de Foucault e a problemática da história da subjetivação: “Era, então, necessário ampliar as dimensões de uma definição de poder, se quiséssemos utilizar essa definição para estudar a objetivação do sujeito” (FOUCAULT, 2014, p. 119). Foucault coloca em destaque a necessidade de se propor uma análise em torno da subjetividade *pari passu* à forma segundo a qual objetivação e subjetivação se encontram em determinadas condições históricas, caracterizando a forma como o sujeito é objetivado em certos jogos de verdade, de poder e de saber. Mais ainda, e talvez mais importante: é tentar identificar formas de resistir aos poderes e saberes, e construir subjetividades, por assim dizer, ” além do bem e do mal”, para usar uma expressão bem cara a Nietzsche.

Os modos de subjetivação podem ser também os meios pelos quais se explicitam as maneiras de resistência, que mostram como o ser torna-se capaz de criar possibilidades de existência, que de algum modo estão além do poder e do saber (DELEUZE, 1992; 2005; REVEL, 2005). Tal condição, ou tais condições, só são possíveis, ao que parece, por que o reconhecimento histórico provoca ao ser humano a capacidade de se rever e de se reconstituir

Diante da metafísica reconstituída na modernidade, Foucault procurará estabelecer não só o *que* ou o *porquê*, mas o *como* dos processos de subjetivação. Mas não só isso, ele nos convida, e até mesmo, convoca, a descobrir e desconstruir as representações de quem fomos para compreendermos o que somos, para tentarmos construir o que podemos ser. Nesse aspecto Foucault tenta superar a perspectiva etimológica do termo sujeito que assinala dois sentidos para o termo, ambos remetem à subjugação do sujeito (FOUCAULT, 2014, p. 123).



Sem dúvida, o objetivo principal, hoje, não é descobrir, mas recusar o que nós somos. Devemos imaginar e construir o que poderíamos ser para nos livrarmos dessa espécie de ‘dupla obrigação’ política que são a individualização e a totalização simultâneas das estruturas do poder moderno. [...] Precisamos promover novas formas de subjetividade, recusando o tipo de individualidade que se nos impôs durante vários séculos (FOUCAULT, 2014, p. 128).

## **Nietzsche, Foucault e a loucura**

Embora Roberto Machado tenha observado que a ligação primordial entre a história da loucura e o pensamento de Nietzsche esteja vinculado, especialmente, ao *Nascimento da tragédia* e a denúncia do projeto socrático, é também possível observar tal relação também com o § 125 de a gaia ciência. Tal hipótese se estabelece na medida em que, como mostra a anedota nietzschiana, o louco fora visto como um desrazoado, mas também como o detento da verdade, que como diz o próprio Foucault detêm a verdade da psicologia, ou se quiser, é a loucura que detém a verdade sobre a razão.

Texto que provoca muitas polêmicas e interpretações, pois denuncia a morte de Deus, traz mais do que isso. Uma das possibilidades é a cisão entre a racionalidade metafísica moderna e os novos operadores que se instalam no século XIX; mais ainda, pode ser a provocação de que o louco nem sempre é o ser que é o desrazoado, mas sim que pode ter mais lucidez que os supostos normais. Nesse sentido, o sentimento e a necessidade da ordem de determinado *status quo*, provoca a criação de uma série de mecanismos de subjugação do louco e da exclusão da loucura.

Pode-se entender ainda, que desse processo, surgem uma série de instituições que irão, por um lado, regular loucura, tentando resguardar a sociedade e, por outro, aquelas que irão conter o louco, livrando-a da desrazoada loucura. Em tom irônico poderíamos dizer: em uma sociedade racional, não há condições de se deixar explicitar os seus problemas por aqueles que não são portadores da razão.

Nessa perspectiva, o grito da loucura entoando na parábola de Nietzsche, nada mais é que sua insurgência contra os princípios racionalistas estruturados pela modernidade, desde Sócrates. Tal protótipo formou, modelou o ser humano para que este fosse manipulável, atendesse aos princípios da racionalidade extrema. Do mesmo modo, a racionalidade serviu de inspiração para a criação das instituições que formatariam os sujeitos conforme a conveniência

da razão. Não obstante a isso, a maior instituição de privação do louco é ignorá-lo como detentor de uma posição. No texto do homem louco Nietzsche descreve, após entoar o seu grito, que o homem foi motivo de gargalhadas e este mesmo se reconheceu como fora de seu tempo.

Deve-se perguntar ainda: O que fará a humanidade após o vislumbre do declínio de sua racionalidade personificada em Deus? Criaria o homem, a partir daquele momento, novos deuses, novas formas de fugir de sua realidade trágica? Ouvir-se-ia, a partir de então, as vozes dos loucos? Ou ao invés de ignorá-los, os controlaríamos com dispositivos de racionalidade, de cura e de terapêutica? Mas quer Nietzsche mesmo uma resposta para estas questões? Pode-se dizer que não, pois “[...] a parábola de A gaia ciência apresenta-se como um recurso típico da estratégia filosófica de Nietzsche. Ele quer tornar mais agudas as tensões entre posições combatentes” (SUGIZAKI, 2005, p. 1704).

De alguma forma, parece que Foucault tenta responder a estas questões que Nietzsche deixa no ar. Inspira-se no alemão para perscrutar, fazer a arqueologia, a história da loucura. Busca-se, dessa forma, compreender, o que são, de Nietzsche a Foucault (ou mais especificamente como este se inspira naquele), os modos de produção das subjetividades em uma perspectiva histórica, delineando-se para isso o dispositivo da loucura, ou melhor, da produção da loucura como elemento que se contrapõe à razão e à normalidade, a partir da Idade Clássica até os nossos dias.

Mas vejamos agora, como Foucault, em *História da loucura*, na tentativa de problematizar o silêncio da loucura, faz sua arqueologia e do louco, ou melhor, de suas representações no decorrer da Renascença e da idade clássica. Iniciemos com as palavras do próprio Foucault (2014, p. 157)

Essa estrutura da experiência da loucura, que é inteiramente da história, mas cuja sede é em seus confins, e ali onde ela se decide, constitui o objeto deste estudo. Isso quer dizer que não se trata de uma história do conhecimento, mas dos movimentos rudimentares de uma experiência. História não da psiquiatria, mas da própria loucura, em sua vivacidade antes de toda captura pelo saber.

A proposição aqui feita se dá, ao que parece, em muitos níveis, para tentar desvelar como eles se relacionam em função de um mesmo estatuto, que é o da razão como meio de silenciar, de ocultar tudo o que é desrazoado. A primazia, especialmente da idade clássica, é colocar a razão como detentora da verdade, do saber. Mas essas preocupações já se apresentavam na Renascença. Tal investimento é explicitado por Foucault por meio da



*Stutufera navis*, símbolo de como o louco começara a ser percebido no cenário da razão. A loucura é então vista, nesse cenário, pelo menos, como algo incomum, logo, precisa ser controlado. Foucault parece querer mostrar como ocorre os rudimentos da manipulação e “subordinação da loucura pela razão” (MACHADO, 2012, p. 35). Vejamos um trecho que mostra essa condição

A Idade Média e a Renascença tinham sentido, em todos os pontos frágeis do mundo, a ameaça do desatino; tinham-na temido e invocado sob a delgada superfície das aparências. Suas tardes e suas noites tinham sido assombradas por ela, e emprestaram a essa ameaça todos os bestírios e todos os Apocalipses de sua imaginação. Mas por estar tão presente e exercer tanta pressão, o mundo da insanidade era, exatamente por isso, percebido de uma maneira difícil; era sentido, apreendido e reconhecido antes mesmo de existir; era sonhado e indefinidamente prolongado nas paisagens da representação (FOUCAULT, 2014, p. 103).

Se na Idade Média a presença do louco e da loucura chagam a causar medo, seu perambular era inequivocamente carregado de mistério e de ilusão. Na Renascença, por sua vez, começa a se processar o silenciamento e exclusão desses seres desordeiros, mas é na idade clássica se torna o lugar da loucura. “*História da loucura* é uma crítica da razão: uma análise de seus limites, das fronteiras que se estabelecem e se deslocam excluindo ou reduzindo aquilo que ameaça a ordem” (MACHADO, 2012, p. 55).

Sobre a idade clássica Foucault (2014) assevera que é o lugar do internamento. Nesse sentido é importante entender como se define que é louco e quem é são em um tempo que não há o saber médico. Ao que parece há muito mais a percepção da loucura e do louco vinculadas às práticas e saberes do senso comum, como a religião, a moralidade cristã e elucubrações de ordem burguesa o diagnóstico médico

Foucault fala ainda sobre a psiquiatria e o asilo:

Em si mesmo, e sem ser outra coisa além dessa liberdade reclusa, o internamento é portanto agente de cura; é uma entidade médica, não tanto em razão dos cuidados que proporciona, mas em virtude do próprio jogo imaginação, da liberdade, do silêncio, dos limites e do movimento, que organiza espontaneamente e conduz o erro à verdade, loucura à razão (FOUCAULT, 2014, p. 433).

*História da loucura*, é, portanto, em linhas gerais, uma história que propõe uma má consciência, inclusive da história das ciências e da psiquiatria. Pode-se dizer, sem exagero, que Foucault escreve e narra histórias problematizando, questionando e tencionando o sentido progressista e racional da história e de suas fontes.

## Considerações finais

Trabalhar e pensar com Nietzsche e Foucault é uma investidura intensa, justamente por tratarem as coisas a partir das experiências humanas, ou melhor, dos experimentos que nós fazemos com nós mesmos, muitas vezes conduzidos por representações desconhecidas. Logo, a percepção da subjetividade apresenta-se nas teias de relações históricas, concretas. Mas, são também filosóficas, pois questionadoras do *modus operandi* histórico ao qual o sujeito está inserido.

Quando Foucault fala de processos históricos de produção de subjetividade, ele nos propõe, assim como Nietzsche (HH, *Das coisas primeiras e últimas*, § 2), um filosofar histórico: “[...] não existem fatos eternos: assim como não existem verdades absolutas. – Portanto, o filosofar histórico é doravante necessário [...]”. Portanto, pensar a loucura como um modo de subjetivação é tentar contar uma história de como ainda do nosso próprio tempo, ou pelo menos de como os processos de normalização ainda são eminentes.

## Referências

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Trad. Cláudia Sant’Anna Martitns. São Paulo, Brasiliense, 2005.

\_\_\_\_\_. *Conversações*. Trad. Peter Pal Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. Soberania e disciplina. In: \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. *A hermenêutica do sujeito*. 1. ed., 4ª tiragem. São Paulo: Martins fontes, 2005.

\_\_\_\_\_. Nietzsche, a genealogia e a história. In: *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. 19. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 15-37.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In. *Ditos e Escritos IX. Genealogia da ética, Subjetividade e Sexualidade*. Rio de Janeiro, Forense Universidade, 2014, p. 118-140.

\_\_\_\_\_. *História da Loucura: na Idade Clássica*. Trad. Jose Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2014.

HAN, Béatrice. The analytic of finitude and the history of subjectivity. In: GUTTING, Gary. *The Cambridge companion to Foucault*. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2005, p. 176-207. Disponível em: [http://copyfight.me/Acervo/livros/CAMBRIDGE%20COMPANIONS.%20GUTTING,%20Gary%20\(org\).%20Foucault.pdf](http://copyfight.me/Acervo/livros/CAMBRIDGE%20COMPANIONS.%20GUTTING,%20Gary%20(org).%20Foucault.pdf).

MACHADO, Roberto. *Foucault, a ciência e o saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2012. Edição digital, Disponível em: [https://lookaside.fbsbx.com/file/Foucault%20a%20Ci%C3%Aancia%20e%20o%20Saber-%20Roberto%20Machado.pdf?token=AWwWl2Mrzb1tomcMPJHHsu5fSsQQ6LRBYsmFRwAbTB5TJV45ni3hvI7DdHHQ9aPH8nL8xocEjnPs6oMiyFC0pRskkQ-6ckIfryaGqRof8Of6dx4cPQnqmdkJDfOJQixs5tN\\_Bcv-6wioAJFmrTIUI92W](https://lookaside.fbsbx.com/file/Foucault%20a%20Ci%C3%Aancia%20e%20o%20Saber-%20Roberto%20Machado.pdf?token=AWwWl2Mrzb1tomcMPJHHsu5fSsQQ6LRBYsmFRwAbTB5TJV45ni3hvI7DdHHQ9aPH8nL8xocEjnPs6oMiyFC0pRskkQ-6ckIfryaGqRof8Of6dx4cPQnqmdkJDfOJQixs5tN_Bcv-6wioAJFmrTIUI92W)

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. (Companhia de bolso).

\_\_\_\_\_. *A Gaia Ciência*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. (Companhia de Bolso).

\_\_\_\_\_. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. (Companhia de bolso).

\_\_\_\_\_. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005a. (Companhia de bolso)

\_\_\_\_\_. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. (Companhia de bolso).

\_\_\_\_\_. *Crepúsculo dos Ídolos, ou, Como se Filósofa com o Martelo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PROST, Antoine. *Doze lições sobre a história*. Minas Gerais: Editora Autêntica. 2009.

REVEL, Judith. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. Trad. Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos, SP: Claraluz, 2005.

SUGIZAKI, Eduardo. *Uma história dos modos de subjetivação: Foucault e a Idade da vida*. Projeto de pesquisa de estágio doutoral na França. Universidade Federal de Goiás/Universidade da Picardia Júlio Verne, 2006. (mimeo).

\_\_\_\_\_. O grito de um louco: Nietzsche e morte de Deus. In. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia. v. 15, n. 11, p. 1695-1707, nov. 2005.